

COMÉDIE DE L'INNOCENCE / 2000

*Um filme de Raúl Ruiz*

**Realização:** Raúl Ruiz / **Montagem:** Mirreille Hannon / **Argumento:** François Dumas e Raúl Ruiz, baseado no romance *Il Figlio di due madri* (1929) de Massimo Bontempelli / **Interpretação:** Isabelle Huppert (Ariane), Jeanne Balibar (Isabella), Charles Berling (Serge), Edith Scob (Laurence), Nils Hugon (Camille), Laure de Clermont-Tonnerre (Hélène), Denis Podalydès (Pierre) / **Música:** Jorge Arriagada / **Fotografia:** Jacques Bouquin / **Décors:** Cathy Blais, Gil Mas / **Guarda-Roupa:** Nathalie Raoul

**Produtores:** Antoine de Clermont-Tonnerre, Martine de Clermont-Tonnerre / **Produtor Executivo:** Olivier Sonnier / **Cópia:** 35mm, a cores, com diálogos em francês, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 100 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca*

\*\*

Na impossibilidade de apresentarmos a habitual folha de sala, reproduzimos um artigo escrito por Paul Julian Smith publicado na revista *Sight and Sound* em março de 2002. Pelo facto, as nossas desculpas.

Se Raúl Ruiz é um gosto adquirido, os cinéfilos britânicos tiveram poucas oportunidades para satisfazer o seu apetite. Certamente o mais prolífico dos autores europeus, Ruiz, um exilado chileno residente em França há muito tempo, chegou a realizar três filmes por ano. O Ruiz radical, que se revela em longas-metragens fantasiosas como *LES TROIS COURONNES DU MATELOT* (1983) e *LA VILLE DES PIRATES* (1983) era imediatamente reconhecível nas suas narrativas emaranhadas, no virtuosismo do trabalho de câmara e na sua reflexividade lúdica. A prática cinematográfica de Ruiz tende a ser uma alegoria da própria arte, referindo-se à pintura (*L'HYPOTHÈSE DU TABLEAU VOLÉ*, 1978) ou ao drama barroco espanhol (a idiossincrática adaptação de *A Vida é Sonho* de Calderón, 1987). Mesmo o mais convencional *LE TEMPS RETROUVÉ*, *D'APRÈS L'OEUVRE DE MARCEL PROUST* (1999) manteve alguns elementos bizarros, e a abordagem de Ruiz ao último volume de Proust deixou muitos confusos, especialmente aqueles que não tinham lido as primeiras 3.000 páginas. Os seus fantasmas de cara branca e cadeiras de baloiço continuavam a ser inquietantes, mesmo no contexto de um tranquilizador cenário de época.

Neste contexto, *COMÉDIE DE L'INNOCENCE* é um Ruiz mais “leve”. A narrativa é suficientemente convencional, embora dentro do género do fantástico. Na sua festa de nono aniversário, Camille (Nils Hugon), uma criança de inteligência sobrenatural com uma câmara de vídeo, rejeita a sua mãe biológica, a fria burguesa Ariane (Isabelle Huppert), alegando ser Paul, o filho falecido da emocionalmente instável professora de música Isabella (Jeanne Balibar). Isabella mostra-se mais que disposta a aceitar Camille como seu próprio filho. Como pode Camille saber tanto sobre essa outra mãe, essa outra vida? Pode ele realmente ser a reencarnação de Paul? De forma atípica para Ruiz, a narrativa é plausivelmente resolvida no final. E se o enredo é estranhamente tradicional, o estilo de filmagem também é convencional. No entanto, é significativo que Ruiz evite filmar as duas mães juntas em campo-contracampo, optando antes por cercá-las com travellings fluidos.

O filme é construído, porém, em torno das cassetes de vídeo de Camille, um exemplo típico da reflexividade de Ruiz. E neste crepúsculo gaulês, Ruiz recria de forma convincente uma história fantástica. A semente do mal Camille segue a receita de Freud para o "romance familiar", trocando a sua verdadeira família por um pai mais exótico. A ideia do duplo é central na noção de Freud de *uncanny*. Ruiz também parece evocar elementos do fantástico, de acordo com as teorias do estruturalista Todorov: há uma contradição lógica (como pode uma criança ter duas mães?); uma incerteza fundamental (a criança é inocente ou depravada?); e um ponto de vista subjetivo (podemos acreditar no que vemos através do visor de Camille?). As sequências de vídeo pixelizadas, com cores vivas e filmadas de forma brusca contrastam fortemente com a nova sobriedade formal de Ruiz. Camille parece encarnar o cineasta radical que Ruiz, ao navegar para o *mainstream*, já não deseja ser.

Depois de Calderón e Proust, COMÉDIE DE L'INNOCENCE é mais uma adaptação literária, desta vez de Massimo Bontempelli, um surrealista italiano pouco conhecido. Adaptada do último *fin de siècle* para este tempo mais recente de incerteza, o enredo de COMÉDIE DE L'INNOCENCE é pequeno, mas perfeitamente construído. Com um rigor aristotélico, move-se do enigma inicial (uma criança dividida entre duas mães), passando pela complicação (o confronto entre as mães e Serge, o irmão de Ariane), até uma conclusão satisfatória. Ruiz, que coescreveu o argumento com Françoise Dumas, mantém a tensão com diálogos lacônicos e enigmáticos. Quando Ariane visita o apartamento vazio de Isabella, uma vizinha curiosa comenta: "Eu não quero mesmo saber". Ariane responde: "Não há nada para saber."

Da mesma forma, Ruiz desafia o espectador a descobrir se há algum segredo oculto. Assim, o filme está repleto de alegorias que são demasiado tentadoras. A casa de Ariane, que pertence à família há gerações, tem uma cave onde os móveis antigos estão trancados, imagem do próprio inconsciente. O seu nome é claramente simbólico: como a Ariadne mitológica, ela detém os fios que desmistificam o labirinto (Serge menciona isso). Uma gravura do século XVIII de *O Julgamento de Salomão* está pendurada na parede. Quando a câmara se detém sobre ela, sentimos que fomos enganados; a alusão a uma criança dividida e à rivalidade materna é óbvia. Mas então Serge expressa seu próprio desconforto com a imagem: é demasiado 'pertinente' para a história da família, que também envolve um menino dividido entre duas mães.

Essa referência à história da arte é característica do ambiente burguês do filme. A enorme casa da família está cheia de bustos neoclássicos (as estátuas são um dos fetiches de Ruiz). E o ambiente de alta sociedade é, por vezes, estranhamente remanescente de Proust, como quando o jantar é servido à luz de velas, com Camille vestido de marinheiro. A fria estatuária branca de Ariane contrasta com os totems africanos exóticos de Isabella. E o seu endereço no 13º arrondissement (longe da marginal Belleville de Isabella) permite algumas localizações pitorescas: o Champ de Mars e até a Torre Eiffel. COMÉDIE DE L'INNOCENCE mostra assim, de forma divertida, a França estereotipada tão apreciada pela burguesia britânica. A nova sobriedade formal de Ruiz está em perfeita sintonia com o guarda-roupa de Huppert: camisolas de gola alta em tons pastel delicados.

Mas, se a casa é demasiado iluminada e arejada para gerar uma atmosfera sinistra, a câmara vagante de Ruiz provoca uma emoção genuína, pelo menos uma vez, quando, com o seu filho desaparecido, Ariane vagueia pela casa precedida pela câmara. O novo design de som Dolby de Ruiz, que realça os passos de Ariane (até há pouco tempo, o realizador recorria ainda ao primitivo mono), é essencial neste aspeto. A exuberante banda sonora orquestral também sublinha, talvez ironicamente, a mudança de humor do momento.

Mas Ruiz concentra-se sobretudo na relação entre as duas mulheres. E o contraste entre a característica reserva de Huppert e a vulnerabilidade e volatilidade de Balibar é marcante. Recém-saída de LA PIANISTE, Huppert traz um subtexto de repressão torturada. Recém-saída de VA SAVOIR, Balibar acrescenta um sentido lúdico à loucura da sua personagem. De facto, quando a irresistível Isabella de Balibar é internada num asilo, faz alguns comentários cáusticos sobre a psiquiatria. Se ela precisa de se conhecer a si própria, será uma "escola de loucos" o melhor local para o fazer? E porque é que ela tem de ser admitida no asilo antes de poder ser libertada?

Para além do seu formalismo e sobriedade, COMÉDIE DE L'INNOCENCE levanta algumas questões incómodas. Se a criança – que parece demasiado sábia para a sua idade – é um adulto (o único cineasta no filme), então os adultos são crianças (tanto Ariane quanto Serge reagem violentamente quando se toca nos seus brinquedos de infância). E, dada a ressonância específica em francês do título (onde *faire la comédie* significa desempenhar um papel), resta um problema no final. Quem está a representar e quem é inocente: a criança perturbada ou as mães (possivelmente) desequilibradas? Se COMÉDIE DE L'INNOCENCE carece tanto da dificuldade revigorante das obras experimentais de Ruiz quanto dos prazeres exuberantes da sua adaptação de Proust, tem o mérito de, através das brilhantes performances que consegue extrair das suas duas atrizes principais, deixar tais questões completamente em aberto.